

1 Introdução

1.1 Objetivos e hipóteses

O presente trabalho se insere na linha de pesquisa da PUC-Rio que tem por objetivo identificar, analisar e descrever fenômenos lingüísticos do português brasileiro, com vistas ao desenvolvimento do ensino/aprendizagem dessa língua a/por falantes de outras línguas. A relevância desse tipo de pesquisa advém da constatação de que muitos estrangeiros que aprendem nosso idioma em outros países ao chegarem ao Brasil e terem contato com falantes do português como primeira língua em situações mais distensas, coloquiais, se deparam com estruturas totalmente desconhecidas para eles.

Tal situação se dá porque a abordagem feita pelos autores de manuais dedicados ao ensino de português como língua não-materna geralmente se baseia nas gramáticas normativas tradicionais, as quais apresentam uma norma-padrão muitas vezes estranha e/ou inatingível até mesmo para falantes nativos e escolarizados do português brasileiro, como será visto no cap. 3.

Esse fato pode ser constatado quando se observa a interrogação no português do Brasil (doravante PB), pois nosso idioma desenvolveu várias estratégias interrogativas (com movimento qu-, clivadas, *in-situ*), as quais parecem estar em um processo de ocorrência simultânea nos dias atuais. Infelizmente, esse fenômeno não é nem sequer citado pela maioria das obras didáticas destinadas ao ensino de português como língua estrangeira, o que representa uma lacuna imensa quando se compara com a descrição de línguas com maior tradição na área de ensino de idiomas a estrangeiros, como é o caso do francês.

No caso específico do presente trabalho, trata-se do pronome interrogativo *que*, o qual apresenta no português brasileiro atual sete variantes (*que*, *o que*, *o que é que*, *que é que*, *o que que*, *que que* e *o quê in-situ*) já detectadas e analisadas principalmente por sintaticistas, como será visto no capítulo 2.

Dito isso, será o objetivo desta dissertação:

- identificar a norma utilizada por falantes urbanos, com escolaridade média a alta, o que fornecerá subsídios para que se ensinem ao aprendiz de português estruturas interrogativas que possibilitem que ele interaja de forma pragmaticamente eficaz.
- estudar o comportamento do pronome interrogativo *que* no português brasileiro através de um corpus de língua oral, a fim de detectar qual é a forma canônica efetivamente utilizada atualmente no PB falado;
- descrever melhor os mecanismos que regem o uso do pronome interrogativo *que* no PB falado com vistas ao seu ensino para estrangeiros;
- identificar os valores *pragmáticos* que regem o uso das várias formas interrogativas no PB.

Nossa hipótese é que:

- o pronome interrogativo *que* passou por um processo de gramaticalização semelhante ao do pronome interrogativo correspondente no francês¹, apresentando no PB como forma canônica na linguagem falada uma forma derivada provavelmente de uma estrutura clivada.
- as diferentes formas atestadas do pronome interrogativo *que* no PB atual (*que*, *o que*, *o que é que*, *que é que*, *o que que*, *que que*, *in-situ*) têm funções distintas, não sendo, portanto, sinônimas;
- além de fatores como grau de escolaridade, nível sócio-econômico, contexto, atestados como sendo relevantes na escolha de determinadas formas pelo falante em

¹ Como será visto no cap. 8, o francês falado apresenta uma forma *qu'est-ce que*, que se desenvolveu de uma estrutura clivada e que se tornou a forma canônica oral e escrita, apesar de concorrer com a forma *que* e a *in-situ quoi*.

línguas como o francês por exemplo, também são importantes fatores de ordem pragmática no uso dessas formas.

Caso se confirme a hipótese postulada, isso significa que essa forma coloquial surgida provavelmente de uma estrutura clivada, bem como as demais variantes não contempladas pela gramática tradicional, estão ainda sub-representadas nas gramáticas, bem como nos manuais de português para estrangeiros. Tal situação deveria então ser revista para que se alcançasse um maior grau de fidedignidade e de eficácia no material concebido para ensinar nossa língua materna àqueles que por ela se interessam.

1.2 Metodologia

Primeiramente, no capítulo 2 serão analisadas algumas gramáticas tradicionais do português com o intuito de constatar que formas são consideradas canônicas para a norma escrita atual. Para tal, foram escolhidas as gramáticas de Evanildo Bechara em sua última edição, a de Lindley Cintra e Celso Cunha e a de Rocha Lima. Serão igualmente objeto de estudo algumas gramáticas do português editadas no exterior para falantes de inglês, francês e alemão, com a finalidade de se constatar que norma é apresentada e se há alguma diferença entre gramáticas para falantes como língua materna e para estrangeiros. Ainda nessa linha de raciocínio, serão consultados livros didáticos para o ensino do português para estrangeiros, editados em sua maioria no Brasil.

Um quarto grupo será formado por gramáticas editadas no Brasil e no exterior de cunho mais descritivo, como a *Gramática do Português Falado* ou a *Gramática de Usos do Português* e a de Mira Mateus. O último grupo de textos a ser consultado será formado por textos teóricos de vários lingüistas que trataram do tema interrogação, tanto no português quanto em outras línguas.

A segunda fase da presente dissertação consistirá na análise de um *corpus* de língua falada composto por filmes brasileiros recentes, os quais apresentam uma linguagem

bem próxima e representativa do que no nosso ver deve ser ensinado aos aprendizes de português como língua estrangeira², como será explicitado no capítulo 9.

Trata-se de filmes brasileiros modernos e duas séries de televisão, rodados entre os anos de 2002 e 2005. A escolha dos títulos não foi aleatória, já que se pretende abranger uma maior gama de situações e de níveis de língua possíveis, tentando-se assim constatar se o pressuposto no cap. 9 se confirma com dados empíricos, i.e. se a norma culta distensa realmente apresenta características também presentes nos falares mais populares, distanciando-se assim da norma-padrão preconizada pela gramática normativa.

1. Sexo, amor e traição (SAT) – um filme rodado no Rio de Janeiro, tendo como personagens pessoas de classe média alta, moradores da Zona Sul;
2. O homem que copiava (HQC) – ambientado em Porto Alegre, os personagens pertencem à classe média baixa, escolarizados;
3. Bendito o fruto (BF) – também ambientado no Rio de Janeiro, com personagens em sua maioria de classe média e classe média baixa, moradores da Zona Sul;
4. Deus é brasileiro (DB) – rodado no Nordeste brasileiro, seus personagens são moradores de pequenas cidades ou do campo, com pouca escolaridade.
5. A grande família (GF) – série ambientada no Rio de Janeiro, seus personagens moram no subúrbio, pertencem à classe média, escolarizados;
6. Os aspones (ASP) – a história se passa em Brasília, em um ministério fictício. Os personagens são funcionários públicos, escolarizados e de classe média.³

O trabalho consistiu em detectar e analisar os valores pragmáticos das estruturas interrogativas efetivamente usadas para solicitar informação sobre o argumento

² A escolha de um *corpus* falado está diretamente ligada ao fato que textos escritos de perguntas e respostas são em sua maioria entrevistas, que são via de regra editadas e “corrigidas” segundo a linguagem escrita, como diz Hoffnagel, J. C. (Entrevista: uma conversa controlada. IN: Dionisio, A. P., Machado, A.R., Bezerra, M. A. *Gêneros textuais & Ensino*. Lucerna, Rio 2002, pp. 180-193)

³ As abreviações ao lado dos títulos serão utilizadas para identificar as ocorrências citadas neste trabalho.

interno e externo inanimado, i.e. o pronome interrogativo *que*, tanto como sujeito quanto objeto direto, por terem se mostrado essas estruturas no decorrer do trabalho preliminar de escolha de *corpus* como aquelas que maior variabilidade apresentam.

1.3 Pressupostos teóricos

A interrogação é um dos elementos básicos do processo comunicativo humano. Segundo Dik (1997 : 301), as línguas do mundo possuem quatro tipos especiais de sentenças: declarativas, interrogativas, imperativas e exclamativas, as quais correspondem às ilocuções básicas. A finalidade primeira da interrogação é inquirir sobre uma informação que está faltando a um dos participantes do ato comunicativo, ou, nas palavras de Halliday (2004):

The typical function of an interrogative clause is to ask a question; and from the speaker's point of view asking a question is an indication that he wants to be told something. The fact, that in real life, people ask questions for all kinds of reasons do not call into dispute that the basic meaning of a question is a request for an answer. The natural theme of a question, therefore is 'what I want to know'.

(Halliday, 2004 : 75)

Como bem lembra Halliday na citação acima, há também perguntas que não são, do ponto de vista pragmático, pedidos de informação; algumas perguntas do tipo “você não está com calor?” podem simplesmente manifestar a intenção do falante de que seu interlocutor abra a janela ou tire uma peça de vestuário que o emissor da pergunta considere exageradamente quente para a temperatura do local. De qualquer modo, isso não invalida o fato de que o falante esteja interessado em saber se sim ou não, ainda que, indiretamente, sua intenção seja outra.

Nas línguas do mundo – e isso parece ser um universal – há dois tipos básicos de perguntas: (i) as de polaridade sim ou não, as quais sinalizam que o falante está interessado em saber se um determinado fato é verdadeiro ou não, e (ii) as perguntas que contêm um pronome ou um advérbio interrogativo, os quais representam um elemento apenas a ser confirmado ou negado, e não toda a proposição, como no caso

de (i). Essa interrogativa parcial difere em português geralmente já pela entoação da interrogativa sim/não: a oração sim/não possui uma entoação ascendente, enquanto uma oração que contém um elemento interrogativo apresenta uma entoação descendente em sua parte final⁴.

Ainda há, contudo, a possibilidade de variações do tipo “interrogativa sim/não com entoação descendente” ou “interrogativa qu- com entoação ascendente” com objetivos pragmáticos específicos, para demonstrar incredulidade, ameaça, pedido etc. Imagine-se por exemplo uma pergunta como “Você não vai?” e as várias possibilidades de entoação da mesma: suplicando, demonstrando medo ou ameaçando. Tal fato se dá muitas vezes em línguas como o inglês suprimindo até mesmo construções sintáticas específicas de interrogação, para expressar ilocuições diferentes, como nos exemplos: “His father was a painter. His father was a painter?” (Dik 1997 : 462).

Além dessa distinção no nível suprasegmental, as orações que contêm um elemento interrogativo qu- (ou WH- na notação em inglês) possuem nas línguas do mundo por vezes estruturas sintáticas distintas daquelas usadas para a interrogativa de polaridade sim/não. O chinês, por exemplo, possui uma partícula *ma*, a qual só é usada em perguntas sim/não; a presença de um pronome interrogativo faz desnecessário o uso da partícula. O chinês tampouco conhece a inversão do sujeito nas interrogativas e os pronomes interrogativos são via de regra *in-situ*.⁵

No caso do inglês, é sabido que o verbo *to do* se transformou, num processo de gramaticalização que não se completou totalmente no alemão⁶, em um auxiliar nas orações interrogativas para a maioria dos verbos, eliminando com isso a inversão do

⁴ Cf. Lindley & Cintra 201, p. 172

⁵ Cf. Gemmeke, T.J. (1993) *Elementargrammatik der chinesischen Hochsprache*. Schmetterling, Stuttgart.

⁶ O alemão conhece estruturas interrogativas com o verbo *tun* (fazer, equivalente ao ingl. *to do*), do tipo “*was tust du essen?*” ao invés de *Was isst du?* Como na canção regional da Francônia: “*Schäfer, sag, wo tust du weiden?*”: <http://musicanet.org/robokopp/Lieder/schafers.html> Tais estruturas se conservaram na língua falada e regional, não tendo, porém, sido aceitas pela norma culta do *Hochdeutsch*.

sujeito. Já o alemão e o norueguês, outras duas línguas germânicas, mantiveram a estratégia de inversão em todas as interrogativas. As três línguas têm em comum o fato de o elemento *qu-* ser deslocado para a posição inicial.

Outras línguas, como o francês e o português, desenvolveram diferentes estratégias interrogativas, que vão desde a simples utilização da entoação dita “interrogativa descendente” aplicadas a estruturas declarativas, do tipo “Paul vient. Paul vient?” para as interrogativas de polaridade sim/não, até estruturas ditas de elemento *qu-* *in-situ*, passando por interrogativas clivadas e interrogativas com elemento *qu-* deslocado acompanhado ou não de inversão do sujeito para as interrogativas parciais.

Como se pode depreender das obras citadas na introdução, nosso objetivo é fazer um estudo de base funcionalista, já que pretendemos fornecer dados de ordem pragmática para que o aprendiz de português saiba quando usar qual forma interrogativa. Ainda que a entoação seja um elemento importante na fala, o presente trabalho não tratará especificamente de elementos suprasegmentais. Por outro lado, também serão levados em consideração trabalhos de cunho sintaticista, por serem eles bastante numerosos e poderem ser de interesse para o tema, sem que se persiga uma análise minuciosa da sintaxe nos moldes gerativistas.

A gramática funcional não se apresenta como uma teoria homogênea, por isso se fala na gramática funcional de Halliday, ou na gramática funcional de Dik, por exemplo. Todas elas têm, porém, em comum o fato de considerarem que os falantes não somente trocam informações, mas interagem entre si e são agentes do processo, podendo, portanto, causar mudanças na estrutura da língua com fins pragmáticos. Como diz Neves (2001):

Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que o que ela considera é a capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória.

(Neves 2001 : 15)

A questão da mudança lingüística é um dos temas centrais do Funcionalismo, já que se considera que os falantes são agentes do processo e que a mudança lingüística é causada por razões pragmáticas sentidas pelos falantes que da língua fazem uso. Para citar Neves mais uma vez, a gramática seria “acessível às pressões do uso” (Neves 2001 : 15). O falante age e reage em situações de comunicação de acordo com princípios pragmáticos: o emissor de uma afirmação ou pergunta tem um determinada intenção e pretende com suas palavras causar uma certa reação no destinatário. Para tal, ele pode organizar seus enunciados de modo a atingir seu objetivo. Esse fenômeno estaria na base da mudança lingüística, pois acarretaria modificações no sistema com o intuito de tornar a comunicação mais efetiva, causando o processo conhecido como gramaticalização.

Segundo Kuzlowitz (1975 *apud* Neves 1998):

Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e. g. from a derivative formant to an inflectional one.

E Neves (1998):

Tratamos a gramaticalização, aqui, não no sentido estrito de evolução diacrônica, mas no sentido funcional de acionamento de possibilidades concomitantes, representativas de diferentes graus de coalescência semântica e/ou sintática na organização do enunciado. Mais do que evolução, o caráter gradual da gramaticalização representa escolha entre construções mais, ou menos, gramaticalizadas, entre paradigmas mais, ou menos, estabelecidos, entre itens que estão mais, ou menos, dentro da gramática.

Nesse sentido, não se pretende fazer aqui um estudo diacrônico do pronome interrogativo *que* no Português Brasileiro, mas sim tentar depreender as funções que as várias formas atestadas atualmente têm na linguagem atual, a fim de munir aqueles que aprendem nossa língua como língua estrangeira ou como segunda língua de subsídios para aprendê-la e utilizá-la de modo pragmaticamente satisfatório. Para Halliday, que trabalha com a noção de estrutura temática, e com os conceitos tema e rema - mas também dado e novo – o elemento interrogativo *qu-* seria sempre o tema da oração:

In a WH- interrogative, which is a search for a missing piece of information, the element that functions as Theme is the element that requests this information, namely the WH- element. It is the WH- element that expresses the nature of the missing piece: *who, what, when, how*, etc. So in a WH- interrogative the WH- element is put first no matter what other function it has in the mood structure of the clause, whether Subject, Adjunct or Complement. The meaning is ‘I want you to tell me the person, thing, time manner, etc.’

(Halliday 2004 : 75)

Claro está que o tema não tem que ocupar sempre a primeira posição em todas as línguas; muitas línguas européias possuem essa estrutura, mas nem todas, como é o caso do francês. O que Halliday diz a seguir é válido inicialmente para o inglês e para muitas línguas, mas não, por exemplo, para o português brasileiro e o francês:

Interrogative clauses, therefore, embody the thematic principle in their structural make-up. It is characteristic for an interrogative clause in English that one particular element comes first; and the reason for this is that that element, owing to the very nature of a question, has the status of a Theme. The speaker is not making an instantial choice to put this element first; its occurrence in first position is the regular pattern by which the interrogative is expressed. It has become part of the system of the language, and the explanation for this lies in the thematic significance that is attached to first position in the English clause.

(Halliday 2004 : 75)

Halliday parte da estrutura do inglês, mas sabe-se que essa afirmação não é válida para todas as línguas, já que há várias línguas com *qu- in-situ*, como o chinês, o indonésio ou o PB. O inglês só conhece interrogações *in-situ* com o caráter de pergunta-eco, a qual tem uma entoação distinta (Halliday 2004 : 142). O que é importante ressaltar no que diz Halliday na citação acima é o caráter de forma gramaticalizada da interrogação em inglês, onde o falante não teria a possibilidade de escolha. Questões pragmáticas que outras línguas – e possivelmente o PB - resolveriam com variações estruturais, seriam resolvidas em inglês pela entoação, como nos mostra Halliday (2004 : 141-143), e não pela sintaxe.

Quanto às interrogações clivadas, Halliday não se dedica especificamente a elas, já que estruturas do tipo “What is that you said” não são tão comuns em inglês quanto no PB ou no francês, não tendo alcançado o grau de gramaticalização atestado para o

francês ⁷. No entanto, Halliday discorre bastante detalhadamente sobre a estrutura clivada, sem porém mencioná-la em interrogativas. Ao falar de *theme predication*, Halliday diz ser a estrutura clivada uma das possibilidades existentes em inglês para realçar o tema, para colocá-lo em foco:

There is one further resource which figures prominently in the organization of the clause as message. This is the system of THEME PREDICATION, which involves a particular combination of thematic and informational choices. Here are some examples from spoken discourse:

it was **Jane** that started it
 it wasn't **the job** that was getting me down
 is it **Sweden** that they come from?
 it was **eight years ago** that you gave up smoking

(Halliday 2004 : 95)

As estruturas clivadas são bastante comuns no português brasileiro. Clivadas são, como diz Halliday na citação acima, estruturas que dirigem o foco de atenção para um dado elemento da oração através da utilização do verbo ser e um complementizador, geralmente com a estrutura Ser+elemento focalizado+Compl. Distinguem-se, no entanto, vários tipos de estruturas clivadas, pseudo-clivadas, clivadas invertidas, pseudo-clivadas invertidas⁸, mas no presente estudo só nos interessará a estrutura clivada com *é que*, que, é nas palavras da pesquisadora alemã nascida no Brasil Tinka Reichmann, em sua tese de doutorado sobre as estruturas clivadas no PB

A locução *é que* é o resultado de um processo de gramaticalização e é descrita em muitas gramáticas e livros didáticos como uma partícula invariável de realce. Em muitos casos, a locução é realmente invariável, em outros, contudo, o verbo pode estar em uma forma do passado (*era que*, *foi que*) ou mesmo do futuro do pretérito (*seria que*). A locução com a forma futura será que também é uma variante flexionada.

(Reichmann 2005 : 128) (tradução própria)⁹

⁷ Numa breve pesquisa feita com a máquina de busca de www.google.com, foram constatadas, porém, 1.260.000 formas “what is that you said?”, as quais parecem ser realmente enfáticas.

⁸ (cf. Reichmann 2005 : 25ff)

⁹ Die Lokution *é que* ist das Ergebnis eines Grammatikalisierungsprozesses und wird in vielen Grammatiken und Lehrbüchern als unveränderliche Hervorhebungspartikel beschrieben. In vielen Fällen ist die Lokution tatsächlich nicht flektierbar, in anderen

A discussão sobre a diferença pragmática entre *é que* vs. *foi que*, será objeto de estudo mais detalhado adiante.

Para o lingüista holandês Simon Dik, o elemento interrogativo ocuparia a posição P1 dentro de seu conhecido esquema:

P2, P1, (v), s, (v) o (v), P3

P1 seria a posição não só das palavras *qu-*, mas também de pronomes relativos e conectores subordinativos. Caso não se preencha tal posição com um desses elementos, estaria ela livre para ser ocupada por algum outro elemento com as funções pragmáticas de tópico ou foco. Equivaleria isso a dizer que as palavras *qu-* não seriam intrinsecamente focais, podendo ser, por tanto focalizadas? Dik afirma que a categoria pragmática de foco pode ser assinalada por:

- (i) *prosodic prominence*: emphatic accent on (part of the) focussed constituent;
- (ii) *special constituent order*: special positions for Focus constituents in the linear order of the clause;
- (iii) *special Focus markers*: particles which mark off the Focus constituent from the rest of the clause;
- (iv) *special Focus constructions*: constructions which intrinsically define a specific constituent as having the Focus function.

(Dik 1997 : 326)

Se considerarmos as formas não-canônicas da interrogação no PB, as quais serão analisadas no decorrer deste trabalho, como sendo enfáticas ou focalizadas no sentido que Dik dá ao termo, teríamos então duas formas: uma marcada com uma construção especial de foco (*o que é que*) e outra com uma ordem especial dos constituintes da oração (*in-situ*). No entanto, Dik afirma, referindo-se às palavras *qu*, *que*:

jedoch kann das Verb durchaus in einer Vergangenheits- (*era que, foi que*) oder Konditionalsform (*seria que*) stehen. Auch die Lokution mit der Zukunftsform *será que* in Fragesätzen stellt eine flektierte Variante dar. (Reichmann 2006 : 128)

In other words, a Qu-word question is a means of signalling that one has some gap in one's information, and for requesting A to fill in this gap. It is clear that the question word (where in (38)), is the element which signals and identifies the gap in X's information, and thus pertains to the presumed difference between Ps and (PA)s. Therefore, the question word is the focal element in the question.

(Dik 1997 : 328-329)

O que equivale a dizer que o elemento interrogativo já seria focal, mas que admitiria um reforço de seu status pragmático: “Indeed, if a language has special strategies for the expression of Focus constituents, these strategies will typically be also used for question words” (Dik 1997 : 329).

Dik cita os vários tipos de interrogação encontrados nas línguas do mundo como sendo:

Questioning Focus: Q-word questions universally contain a questioned constituent which marks the information gap. Across languages, Q-constituents are treated in three main ways: (i) they are placed *in situ*, in the normal position for the corresponding non-questioned constituent; (ii) they are placed in a “special position” (most commonly, the initial P1 position); (iii) they are placed in the Focus position of a special Focus construction; in this case, they can again be placed *in situ* or in a special position (most commonly P1).

(Dik 1997 : 458)

O português brasileiro seria sincronicamente uma língua que teria todas essas possibilidades. O que precisa ser investigado a partir do *corpus*, é, então, se essa noção focal está realmente sendo realçada nas várias estruturas que parecem coexistir no português brasileiro atual, se há valores pragmáticos distintos e mensuráveis ou se se trata de variantes determinadas por fatores sociolingüísticos, como foi atestado para o francês e será visto posteriormente neste trabalho, já tendo alcançado o grau de gramaticalização que hoje tem o pronome interrogativo *qu'est-ce que*.